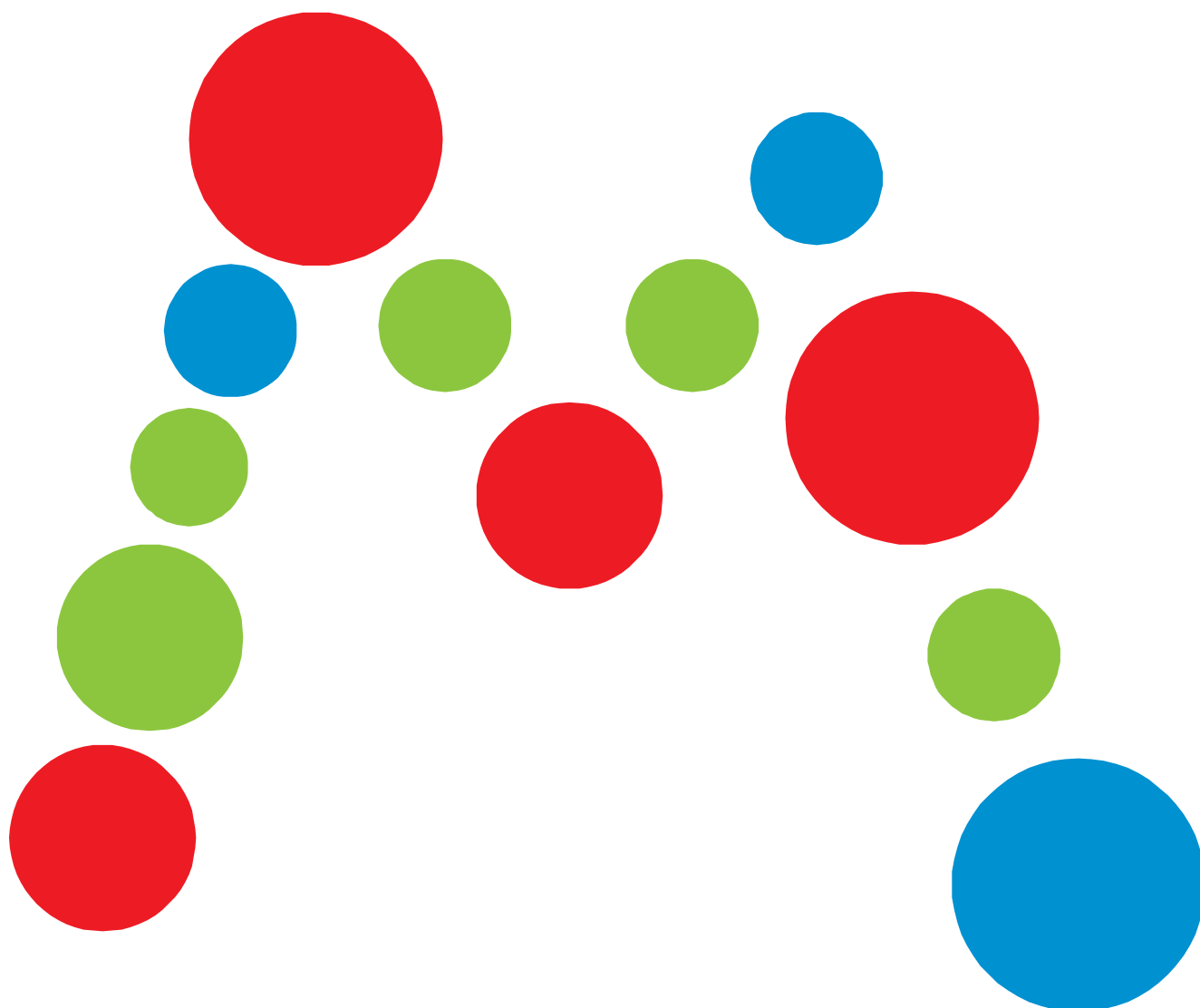


Mercados

informação de negócios



Guiné-Bissau Oportunidades e Dificuldades do Mercado

Agosto 2016



aicep Portugal Global

Índice

1. Breve Enquadramento	3
2. Oportunidades	4
3. Dificuldades	7
4. Cultura de Negócios	9

1. Breve Enquadramento

A Guiné-Bissau é um pequeno país com inúmeras áreas de grande potencial, cuja exploração tem sido adiada por uma instabilidade política cíclica. Uma das principais vantagens para os empresários portugueses prende-se com a proximidade. De facto, o país encontra-se a apenas 4 horas de viagem de Lisboa (pela Euroatlantic e a partir do final 2016 também pela TAP, através de voos bissemanais)¹. Existe uma outra proximidade a não menosprezar: a língua. Apesar de não tão difundida na população quanto seria de esperar, é a língua oficial do Estado e a língua de trabalho das instituições públicas.

O país é, até à data, um país seguro. A propriedade privada não tem sido afetada pelo clima de instabilidade, exceção feita à Guerra do 7 de Junho (1998-99). Por razões de maior segurança, é comum contratarem-se vigilantes mas, contrariamente ao que se especula, a criminalidade é baixa. No entanto, devem ser evitadas zonas menos iluminadas durante a noite.

A facilidade e rapidez com que se cria uma empresa é assinalável (cerca de um dia) e não são exigidos sócios guineenses. O Código de Investimento é aliciante e destinado a captar o investimento estrangeiro com isenções e reduções fiscais previstas para os primeiros anos.

O país faz parte da União Económica e Monetária Oeste Africana (UEMOA), com mais de 100 milhões de consumidores que partilham a mesma moeda. Tem, assim, a estabilidade cambial garantida pelo Banco Central Francês através do Franco CFA, tornando-se uma alternativa a outros mercados porventura mais dinâmicos, mas que sofrem com frequentes desvalorizações da moeda. A Guiné-Bissau integra também a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), o que lhe abre a porta a um mercado total de cerca de 340 milhões de consumidores.

A presença de Organismos Internacionais (Banco Mundial, FMI, ONU, UE, União Africana, Banco Oeste-Africano para o Desenvolvimento, entre outras), além de inúmeras ONG confere algum dinamismo ao país pelo lançamento de concursos internacionais. Nalguns casos, é dada preferência a empresas instaladas no terreno. São, muitas vezes, concursos rigorosos, exigentes e muito importantes, dado que garantem mais segurança do que os proporcionados pelo Estado.

À guisa de nota, a Guiné-Bissau carece de estabelecimentos e estruturas que satisfaçam as necessidades de uma classe média-alta (nacional e também dos Organismos Internacionais presentes) ao nível da qualidade e da diversidade de produtos e serviços oferecidos.

¹ Existem, diariamente, voos de cerca de 10 horas de viagem, através da Royal Air Maroc, contando com as escalas.

2. Oportunidades

Alimentação e bebidas – No que ao comércio diz respeito, existem diversos empresários que se dedicam à importação de produtos alimentares. Apesar de se encontrar no mercado produtos portugueses, existe espaço para uma maior variedade, nomeadamente do segmento *gourmet*, aproveitando a presença de uma classe média-alta com poder de compra e acostuada a consumir produtos estrangeiros.

Cultura – São praticamente inexistentes os estabelecimentos dedicados à cultura em Bissau. Existe uma livraria anexa ao hotel Coimbra, não havendo outra forma de adquirir livros na cidade, muito menos no país. Não existe igualmente um local onde se adquiram revistas ou outras publicações periódicas, bem como não existem cinemas.

Saúde – Uma das áreas com maior potencial na Guiné-Bissau é a da saúde. Existem algumas (poucas) clínicas privadas com serviços básicos mas, à falta de um hospital com qualidade, (em termos de equipamento e meios humanos), quem pode recorre a Dacar ou Lisboa. Uma instalação médica capaz de proporcionar serviços de urgência 24 horas por dia, tratamentos dentários, internamento de qualidade, entre outras valências, poderia certamente beneficiar de um mercado com poder de compra que, ainda que algo reduzido, poderia ser cativado com um sistema mutualista. Trata-se de uma prioridade com o crescimento da atividade turística.

Medicamentos – O abastecimento de medicamentos no mercado guineense depende da concessão de alvarás pelo Ministério da Saúde Pública. Existem muitas farmácias em Bissau, apesar de serem portuguesas as mais procuradas, dada a qualidade dos medicamentos nelas vendidos. Na verdade, têm havido problemas com medicamentos falsificados (com percentagens reduzidas ou nulas de princípio ativo), provenientes da China ou da Índia. Ainda assim, o abastecimento é algo irregular e existe alguma carência de diversos tipos de medicamentos, bem como consumíveis médicos diversos (faltam por vezes compressas, soro, entre outros), além de produtos de puericultura. Por outro lado regista-se uma carência de quadros técnicos na área farmacêutica.

Análises clínicas – Existem alguns laboratórios de referência no país, como o Laboratório Nacional de Saúde Pública (que se bate com enormes carências e deficiências, apesar da sua eficiência) e os privados (os das Clínicas Artemísia, Santo Ambrósio e Alvalade), que apresentam um perfil reduzido de análises.

Controlo de qualidade – Atualmente, a exportação para a Europa é reduzida, tendo em conta os exigentes padrões de qualidade requeridos pelas regras comunitárias. Por isso, um laboratório de controlo de qualidade certificado e cumprindo os padrões europeus (anexo, por questões de sustentabilidade, a uma estrutura exportadora própria, realizando análises internas e externas) poderia ser um negócio rentável e contribuir para o desenvolvimento do sector exportador do país.

Parques Industriais – Não existem parques industriais organizados, apenas estruturas privadas sem grandes condições a nível de trabalho, de acesso ou de segurança, por exemplo. Faltam estruturas que tenham eletricidade e água próprias, garantindo a laboração mesmo em momentos em que o abastecimento público falta.

Hortifruticultura – A produção hortofrutícola é uma área ainda por explorar, embora existam já algumas explorações, destacando-se as de capitais espanhóis, que se dedicam também à transformação e à agroindústria. De salientar a qualidade da fruta produzida no país: além do caju, as mangas, as papaias, os abacates e outras frutas tropicais são extremamente agradáveis. O peixe é também abundante e acessível, bem como o marisco (ostras e camarões), o qual chega à Europa, nomeadamente a Portugal, através do Senegal.

Restauração – Bissau tem conhecido um crescimento significativo na oferta de restauração, com a abertura de dois restaurantes libaneses, além da oferta guineense, portuguesa e italiana disponível, apesar de não existirem ainda restaurantes de excelência. No entanto, no que diz respeito ao resto do país, não existem restaurantes nem snack-bares ao longo das principais estradas, obrigando quem viaja a prever-se com alimentos. Destacam-se a estrada para o Norte (Bissau-Safim-Ingoré-São Domingos), que tem alguma intensidade de trânsito, sobretudo de quem vai a caminho do Senegal (sobretudo Ziguinchor ou Cap Skiring) ou da Gâmbia; e a do Leste, por Nhacra-Bambadinca, fletindo para o Sul para Xitole ou para o Leste, para Bafatá ou Gabú.

Recursos minerais – Existem fosfatos em Farim (centro-norte) e bauxite em Boé (sudeste). Estes recursos naturais despertaram o interesse de investidores angolanos, mas de momento as explorações não se encontram em laboração, muito por culpa da dificuldade de escoamento de mercadorias. Daí que uma empresa americana se encontra a finalizar um projeto de investimento que inclui a construção de vias próprias de exportação. Existem areias pesadas em Varela (ponta noroeste), que se encontram em extração num investimento de capitais russos, entre outros.

Material de construção/elétrico – No mercado informal do Bandim há numerosas lojas de materiais de construção, onde os mais procurados são os de origem portuguesa; esta informação é válida também para o material elétrico. Os bens de proveniência portuguesa são, como habitualmente, preferidos; e apesar de a oferta ser numerosa, a variedade é reduzida.

Peças para automóveis – Considerando a ausência de variedade de peças disponível, é forçoso aguardar que as encomendas cheguem de Portugal ou de outros países. Teria sucesso um estabelecimento que mantivesse um *stock* de peças que desse resposta às necessidades locais com prontidão. Isso é tão mais válido quanto as necessidades são urgentes, como no caso das peças para veículos pesados durante a campanha do caju: sendo o número de veículos disponíveis limitado, cada avaria tem de ser resolvida com urgência, para não se perder a rentabilidade que se obtém do aluguer do transporte.

Produção avícola – Sendo o país altamente dependente do exterior em diversos produtos, um deles é o frango do dia, um bem altamente consumido no país e que vem do exterior. Não existem aviários no país (apenas algumas explorações familiares, pequenas e insuficientes).

Táxi aéreo – Um investimento que poderá ter retorno é a disponibilização de um táxi aéreo para as ilhas. O mar por vezes revolto (“marão”) retém alguns turistas que não têm outra forma de se deslocar ao Arquipélago dos Bijagós. Existe uma aeronave que faz essa deslocação, pertencente ao Hotel Ponta Anchaca, mas que divide os seus serviços com a unidade da mesma dona em Cap Skirring (Senegal), não estando sempre disponível. Esse mesmo transporte poderá ser utilizado para situações de emergência médica, como evacuações.

Cinema – Não existe cinema em Bissau, o que poderia dinamizar a vida cultural do país e fomentar o convívio. Do mesmo modo, são escassos os auditórios na capital, pelo que uma estrutura que pudesse servir para encontros e conferências, além da projeção de filmes, poderia ter sucesso.

Turismo – O turismo tem enormes potencialidades no território. Desde logo, existem alguns grupos que se têm dedicado ao turismo de saudade, sobretudo ex-combatentes e suas famílias que procuram visitar os locais conhecidos no período da Guerra Colonial.

Turismo cinegético - No interior existe um hotel histórico, Capé, a 10km de Bafatá, que se encontra desativado. Com licença de caça de cerca de 600 mil hectares (a mais antiga da Guiné-Bissau), é uma unidade hoteleira com pessoal experiente e que está atualmente desativada, tendo o pessoal sido redistribuído pela lavoura e demais serviços da vasta propriedade. Era uma base de operações do Governo no interior, sendo a única unidade hoteleira com algum conforto no Leste. Grupos de espanhóis costumavam dedicar-se à caça grossa (javali-africano e gazela), ao passo que os portugueses se dedicavam à caça menor (rolas e lebres, muito abundantes). Os proprietários estão dispostos a negociar um acordo vantajoso para quem deseje alugar o espaço e que possibilite a abertura e recuperação da unidade, deduzindo, por exemplo, as obras realizadas no valor do aluguer.

Ecoturismo - No país existem diversos parques e áreas protegidas, cobrindo cerca de um quinto do território guineense. São administradas pelo Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas da Guiné-Bissau (IBAP). Estas áreas começam a atrair turistas que não procuram *resorts*, mas sim ambientes mais simples (mas confortáveis), que sirvam de ponto de partida para jornadas de ornitologia nas Lagoas de Cufada, botânica nos Tarrafes do Cacheu ou visitas às gravuras de Nhampassaré.

Praia e pesca - O turismo de praia ou de pesca tem também boas condições para se desenvolver. Existem já algumas unidades no Arquipélago dos Bijagós (*vide* Guia Prático de Acesso ao Mercado), não estando o potencial de todo esgotado.

3. Dificuldades

Na verdade, o país carece de muitas infraestruturas básicas e de oferta em quase todas as áreas. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que as oportunidades são transversais a toda a economia. Não devem, porém, ser subestimadas as razões porque há tanto por fazer. Além da instabilidade política e da carência de estruturas e sistemas de suporte básico, o país tem uma grave falta de quadros, impeditiva de, sem formação capaz, serem obtidos os níveis de produtividade desejáveis.

Lei da Terra - A Lei da Terra (5/98, alterando a 4/75) declara toda a terra como sendo propriedade do Estado. Todavia, o seu uso pode ser concessionado, tendo de, em alguns casos, solicitar permissão ao poder local. As concessões podem ir até cerca de um século. O maior entrave prende-se, contudo, com a dificuldade em garantir a efetiva propriedade do imóvel. Têm sido frequentes os casos de terrenos cujos direitos foram vendidos repetidas vezes, sendo aconselhável o acompanhamento por um advogado em todo o processo.

Alfândegas - Uma das maiores dificuldades apontadas pelos agentes económicos prende-se com a Alfândega. As taxas aduaneiras são definidas pelas organizações regionais a que a Guiné-Bissau pertence; no entanto, o valor da mercadoria sobre a qual as taxas se aplicam tem sido alvo de contestação. Por um lado, a *Bissau Link*, empresa de avaliação que a Direção Geral das Alfândegas (DGA) contratou, atribui valores mais altos do que os das faturas comerciais apresentadas (alegando que são falsificações); note-se que a empresa recebe uma percentagem das taxas cobradas. Por outro, a DGA constituiu uma comissão própria que avalia os casos, levando a uma duplicação de esforços. As demoras em todo este processo podem ser onerosas, dados os pagamentos de parque no porto, bem como eventuais prejuízos se os bens forem perecíveis. Algumas quebras de abastecimento ficam também a dever-se a diferendos fronteiriços entre a Gâmbia e o Senegal: por não fazer parte das organizações sub-regionais, a Gâmbia consegue ter um porto com taxas muito atrativas, prejudicando o de Dakar. Assim, o Senegal vale-se de ser a única fronteira terrestre da Gâmbia, fechando-a como forma de pressionar o enclave.

Porto - Esta situação pode gerar falhas de abastecimento no país, que são algo frequentes. A fraca capacidade do porto, devida ao assoreamento, é também um problema, num país que depende em tão

grande medida do exterior. Toda a rede infraestrutural do país está em grande medida enfraquecida e responde com dificuldade às exigências dos agentes económicos.

A capacidade de manter o *stock* necessário para laboração numa indústria, por exemplo, é condição essencial para ter sucesso no país. Durante a campanha do caju a entrada de produtos no país fica paralisada, até ao escoamento deste produto, originando a escassez de alguns bens.

Preço - O fator preço é sempre uma dificuldade num país onde os ordenados são maioritariamente baixos (cerca de 50,00 € de ordenado mínimo mensal). Ressalve-se que os produtos portugueses são preferidos pela sua conotação com a qualidade e durabilidade, ainda que sejam marginalmente mais caros. Existe uma grande concorrência dos mauritanos (*narr*), que detêm pequenas estruturas, muitas vezes lojas montadas num contentor de 20 pés, e cujos preços refletem a ausência de licenças e de condições de higiene, conservação e manipulação dos produtos. Do mesmo modo, é forte a concorrência, em sentido lato, do Mercado do Bandim (feira informal onde tudo se compra e tudo se vende).

Fiscalização - A fiscalização tem fama de ser algo insistente, fazendo visitas frequentes. Um dos objetivos dos fiscais (francamente mal remunerados) é o de conseguirem uma renda dos comerciantes com maior poder de compra.

Taxas de juro - As taxas de juro são pouco atrativas no país. Quando a empresa não tem histórico com o banco em causa, a concessão de crédito torna-se mais difícil. Podem ser exigidas garantias reais além das bancárias. O financiamento a médio e longo prazo ainda é incipiente.

Financiamento público - Negócios que dependam do financiamento governamental correm o risco de a instabilidade política os fazer fracassar, com os atrasos ou cancelamentos dos pagamentos. A elevada dependência dos titulares de cargos políticos tem sido uma causa de fracasso de alguns negócios, sendo frequente a substituição dos ditos titulares.

Cadeia de frio - Como anteriormente mencionado, a ausência de infraestruturas dificulta a atividade económica. Exemplo disso é a ausência de uma cadeia de frio que permita o transporte refrigerado de bens perecíveis: o aeroporto não detém armazenamento climatizado e as constantes falhas de energia no país afetam também o porto e os contentores aí estacionados, avultando as despesas pelo recurso ao gasóleo.

Industrialização - Na mesma linha, a falta de infraestruturas é acompanhada pela falta de indústrias. A incipiente industrialização da Guiné-Bissau torna difícil encontrar muitos bens e maquinaria, que têm de ser importados, com os custos e demoras inerentes.

Internet - A falta de uma ligação à internet em condições pode ser problemática. A sua velocidade é reduzida, pelo que *software* de gestão em tempo real que englobe, por exemplo um grupo pode sentir dificuldades.

Saúde - Possivelmente a maior dificuldade do investimento no turismo reside na falta de estruturas de saúde, quer nas ilhas, quer no continente. Sobretudo no Arquipélago dos Bijagós, qualquer incidente tem de ser tratado localmente o que, dependendo da gravidade, pode representar um problema. A inexistência de um táxi aéreo ou de unidades de saúde de qualidade no arquipélago são um fator negativo.

Sazonalidade - A época das chuvas causa alguma sazonalidade no turismo, sendo quase constantes nos meses de Julho e Agosto. Durante o resto do ano, desde que se tenha o cuidado de ter em conta a poeira (no interior) e as marés, conseguem-se 9 a 10 meses de atividade turística.

Transporte – Finalmente, há que ter em conta a necessidade de um transporte próprio ou bem articulado, que faça a ligação a Bissau, a fim de garantir, por um lado, os abastecimentos, e por outro a segurança e conforto dos hóspedes.

4. Cultura de Negócios

A cultura do Mercado da Guiné-Bissau é ditada, em parte, pelos ritmos e ciclos anuais meteorológicos e religiosos (uma grande percentagem da população - cerca de metade - é muçulmana, pelo que os ritmos religiosos são também facilmente perceptíveis, como durante o jejum do Ramadão, partilhando os feriados com os católicos tradicionais). Assim, é comum um abrandamento do país na época das chuvas, que são quase constantes dia e noite. Todavia, o ciclo talvez mais marcante do país prende-se com o caju. A colheita, que começa em abril/maio, envolve famílias inteiras. Nas semanas que a precedem, o movimento dos camiões carregados de sacas de arroz aumenta; é o bem mais consumido no país e serve nas trocas diretas por caju em bruto, algo ainda muito frequente no interior. Além disso, quando os agricultores recebem o dinheiro da colheita, rapidamente se abastecem desse cereal.

A colheita é um momento em que o país (70-80% das exportações totais e cerca de 14% do PIB - Produto Interno Bruto) recebe o maior “balão de oxigénio”, disparando o consumo privado. Aumenta a circulação nas estradas, sobretudo dos camiões que transportam o caju para Bissau e é comum fazerem-se as reparações necessárias nas casas (até porque a campanha coincide com a aproximação das chuvas – maio-junho). É uma abundância que dura até setembro-outubro.

Uma grande percentagem do negócio, impossível de quantificar, circula pelo mercado informal, de que o melhor exemplo é o Bandim. Esta zona da cidade de Bissau, na avenida principal, é um centro de comércio sem condições sanitárias ou de segurança, mas onde os locais se abastecem, sobretudo pelos preços baixos. Deve ser ressalvada que a maior parte dos materiais vendidos tem pouca qualidade (chamam-lhe “Dubai”, sendo originários da China, armazenadas nos Emiratos Árabes Unidos antes da distribuição por África), sendo ainda preferidos os de origem portuguesa, conotados como produtos de qualidade. Apesar de mais caros, sempre que possível, os guineenses preferem os produtos que entendem mais duráveis e fiáveis.

É de primordial importância que sejam evitados ou acompanhados de perto todos os negócios que envolvam governantes e que façam depender o seu sucesso do poder do parceiro local, dadas as constantes alterações no poder.

São frequentes as promessas e compromissos rapidamente assumidos, quase com veleidade e que depois não são cumpridos, ou por incúria ou por sobreavaliação das próprias competências de quem se compromete. Assim, há que avaliar bem o risco e acompanhar sempre de perto, tanto quanto possível, os processos em curso, pressionando e certificando-se da sua efetivação e conclusão.

Não sendo obrigatório ter um sócio guineense para constituir uma empresa na Guiné-Bissau (o Código de Investimento e o Centro de Formalização de Empresas são fruto de uma muito bem sucedida reorganização administrativa virada para a atração do investimento), é conveniente ter uma gestão próxima e cuidada. Ter guineenses de confiança pode ser útil, sobretudo no uso do crioulo. A verdadeira *lingua franca* da Guiné-Bissau (muito mais do que o Português) pode ser difícil de dominar e é, essa sim, indispensável na negociação com os nacionais.